

Suplemento Cultural

A Poesia de Rubenio Marcelo

PAULO NOLASCO – Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Comparada

Na próxima sexta-feira, a partir das 19h30min (na Livraria Canto das Letras), o escritor Rubenio Marcelo lançará em Dourados/MS o seu livro – recentemente publicado e já lançado na Capital – *‘Veleiros da Essência / 80 poemas escolhidos’*, ed. Life, 2014, 192p, que releio com prazer procurando perscrutar os textos: muitos inéditos e outros selecionados no conjunto, hoje já bem expressivo, dos demais livros deste Autor, que é atualmente o secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. 0

Assim, agindo comparativamente, sou levado a verificar aspectos do livro como um todo, desde a edição, o prefácio, o posfácio, a fortuna crítica, enfim, na sintonia desses elementos denominados genericamente (pelos especialistas do assunto) de “paratextos editoriais”. Primeiro que, visto deste ângulo, a trajetória artística do singular poeta Rubenio Marcelo redimensiona-se ao longo do tempo, e assim justifica e torna necessária a sua apreciação, uma vez que sua caracterização maior é a

projeção de um traço lírico cujos versos (dosados de metáforas e imagens) ganham relevo em palavras, linhas suavizadas e soltas como o voo de um pássaro sem plumas.

Em verdade, o novo livro de Rubenio parece (e realmente quer) dizer muito mais. Pois, afora tratar-se de uma seleção autoral, sinaliza para a obra completa de um poeta com outros tantos títulos publicados. Os aspectos da primorosa qualidade desta publicação, aliados a um título bem sugestivo, *Veleiros da Essência*, dizem com toda a abalizada análise que resulta do tópico intitulado “o autor e a crítica” (p.174-188), além dos prestigiosos textos de “Apresentação” de Raquel Naveira, do “Prefácio” de José Fernandes, e do “Posfácio” de J. P. Frazão. Com efeito, o livro é praticamente uma celebração da profícua produção e carreira de Rubenio Marcelo como poeta/escritor e palestrante renomado (além de compositor e revisor). Por tudo isto, ele mereceu (e merece) incontáveis aplausos em sua trajetória como intelectual das letras e membro efetivo da ASL.

De resto, é de se esperar que sua obra seja acolhida em estudos mais aprofun-



(IMAGEM: ARQUIVO DA ASL)
Nos mares da palavra, os poemas são *Veleiros* que nos transportam às paragens da *Essência*...

“ (...) é de se esperar que sua obra seja acolhida em estudos mais aprofundados, onde a teoria e a crítica literárias possam situá-la em condizente estante da aplaudida produção poética brasileira contemporânea”

dados, onde a teoria e a crítica literárias possam situá-la em condizente estante da aplaudida produção poética brasileira contemporânea, de modo particular para que a escrita de Rubenio Marcelo se revele com distinção, diversa da copiosa produção que hoje grassa – em forma de lamúrias, chorinhos, e coisas

tais – num mercado (denominado) de ‘produções literárias’, dentre as quais, inúmeras delas dispensariam nossa atenção e precioso tempo de leitura. A avalanche de publicações sem critérios artísticos (carentes de ideias e criatividade literárias) leva o leitor de hoje a deparar-se com alternativas radicais: ou seleciona valorizando pela inovação da linguagem literária, pelo projeto artístico; ou despreza o objeto livro pela ausência desses elementos, e, pior, pela constatação de que a mesmice e as lamuriações e humores (que frequentemente temos de ler) não valem realmente “a pena / uma pena” – quer dizer, há muita subjetividade ‘andando’ por aí. E em matéria de legítima poesia, como sabemos, a “essência” não provém de baunilha, provém sim de vida e ressuscitamento da palavra poética, como, neste caso, bem faz Rubenio Marcelo na sua obra – assim como nos exemplos luminosos que releio agora nos seus versos de “Elegia a Freddie Mercury” e “Canção para Coralina”, poemas estampados às páginas 84 e 146 do seu *Veleiros da Essência*.

A Chuva

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Sempre ouvimos falar que os ladrões mais inteligentes, mais sagazes do mundo, são os nossos irmãos argentinos. E disso tivemos uma prova inequívoca.

Há muitos anos, nos encontrávamos, em excursão, em Buenos Aires. Estávamos entreverados numa turma de 3 casais: – eu e a Dirce, Ermelindo e Eva, Mario Duarte e Eddy. Uma certa noite, deixamos o hotel e fomos, a pé, jantar num restaurante de luxo, a duas quadras do hotel.

No regresso, caminhávamos despreocupados, quando alguém enfiou, com violência, a mão no bolso esquerdo da minha calça. Ficamos surpresos, e, mais ainda, quando, no mesmo instante, caiu uma chuva de dólares sobre nós. Empolgados e ávidos, desandamos a pegar as notas no ar, ou a catá-las no chão.

Desse episódio, curto e verídico, saíram decepcionadas 7 pessoas. Em 1º lugar, os três casais, ao verificar que as notas de dólares eram falsas; em 2º lugar, o ladrão, que enfiou a mão no bolso errado, no bolso esquerdo, quando todo o nosso dinheiro estava no bolso direito...

...Refeitos do susto e da decepção, desandamos a dar gargalhadas.

Ao longe, a CASA ROSADA sorriu pela primeira vez! Sorriu de gozação...

POESIAS

O RANCOR

O rancor é um corvo imundo
Que se nutre de excrescências...
É a sombra negra que tolda
O fulgor das consciências!
A esponja que sem piedade
Apaga da humanidade
Os preceitos do Senhor,
Que ditou para seus filhos
A paz, reinante entre os brilhos,
Os puros brilhos do amor!

RUBENS DE CASTRO

VELEIROS DA ESSÊNCIA

vêm de horizontes nunca vistos
e trazem à proa
o mapa das messes inabituais
num tempo infinito
de invictas bandeiras e constelações...
trazem o lábio astral e o astrolábio
das meditações azuis
que tecem sublimes mareações...
têm adriças de sol e cordoalhas de mitos
que atesam a fruição
de transcendentais singraduras...

chegam álvios e sem defensas
traçando itinerários
coesos
afinados com insólitas conhecenças...
transportam saças ancestrais
e trazem nas gáveas
núncios de auroras ressurgentes...

com místicos galhardetes
mirando os destinos cor de nuvens
afagam elísios
que sibilam prelúdios e vilancetes
e sabem dos seus timoneiros
trajados de brim em brancas manhãs...

planam em silêncio na crista do verbo
[atentos ao mínimo aceno]
ao barlavento da criação
entre códigos, gaiotas e plenilúnios...
singram íntimas dádivas
para ampliar as escotilhas do sonho
e plenificar faróis nos
estais da vaguidade...

vêm do estro
para nos desancorar das ilhas perdidas
vêm para fecundar correntes
no estio das vigílias e para nos (e)levar
à paz das alvíssimas florações
dos portos longínquos...

RUBENIO MARCELO

Sobá

O sobá foi trazido pelos imigrantes originários da ilha de Okinawa

RAQUEL NAVEIRA

Hoje quero comer sobá. Aquele carrão japonês de trigo sarraceno, mergulhado num molho de shoyo e gengibre, com pedaços de carne, ovos mexidos, salsinha e cebolinha picadas. Tudo numa cumbuca funda e fumegante.

O sobá foi trazido pelos imigrantes originários da ilha de Okinawa, que chegaram ao sul de Mato Grosso em 1908. Os japoneses espalhavam suas bancas pela feira central, cheias de frutas e verduras multicores e, num cantinho reservado, atrás de cortinas de plástico, comiam a iguaria. As pessoas curiosas se interessaram e o sobá acabou se tornando uma comida típica.

Okinawa é uma província de ilhas que formam um arquipélago perto da China, da Coreia, da Indonésia e da Polinésia. Por sua posição estraté-

gica, transformou-se num importante entreposto comercial. Tem uma história particular, diferenciada do resto do Japão, pois sofreu forte influência da dinastia chinesa nas vestes e nas danças folclóricas. Depois da segunda Guerra Mundial, permaneceu sob a administração dos Estados Unidos, que ali instalaram bases militares. Somente em 1972, Okinawa, com seus telhados vermelhos com estátuas douradas de leões e dragões, foi devolvida ao Japão.

Foi perto da feira central, para onde os okinawanos traziam hortaliças frescas colhidas das plantações em chácaras que rodeavam a cidade, que morei e criei meus filhos. Perto das casas onde se encostavam caixotes e caminhonetes apinhadas de legumes. Nas imediações dos colégios tradicionais, pois os okinawanos sempre procuraram dar a melhor educação aos seus descendentes, que se tornaram profissionais liberais e políticos.

Quando eu comer o sobá, farei

uma viagem de volta ao passado pelo cheiro e pelo gosto, como o escritor francês Marcel Proust ao tomar chá e provar os bolinhos em formato de concha, chamados “madalenas”. Segundo Proust, depois de saborear esse singelo lanche foi que surgiu a ideia de escrever o romance “Em busca do tempo perdido”, um dos principais clássicos da história da literatura. Publicado em sete volumes entre 1913 e 1927, o famoso chá com madalenas aparecia logo no primeiro livro da série: No Caminho de Swan.

O sabor fez o narrador-protagonista reviver a infância, penetrar em tudo o que ficara escondido no sótão da memória. O chá com madalenas foi uma espécie de passagem sinestésica para que ele reencontrasse a chave do baú, os mapas para lugares esquecidos e reminiscências com as pessoas.

Nesta noite de chuva, quando o macarrão temperado de shoyo e gengibre tocar o meu paladar, estre-mecerei. Algo extraordinário aconte-

cerá dentro de mim. Um prazer delicioso virá à tona. Esquecerei os problemas da minha vida, os pequenos e grandes infortúnios, as frustrações que me corroem. Não me importarei com os desastres, com a atmosfera apocalíptica de fim do mundo, nem com a sensação de que tudo é breve e ilusório. À primeira garfada, vou me encher de uma preciosa essência que está em mim. De um êxtase ligado ao gosto do sobá, da farinha se derretendo em minha boca, mas que ultrapassa a tudo isso, pois é misto de satisfação e autoconhecimento.

Descobri um restaurante rústico que vende sobá. Atravessarei elevados, túneis, avenidas, para chegar lá. Hoje não será mais um dia triste e sombrio. Ah! Como ficarei alegre comendo sobá.

Nota da Coordenação/ASL:

A autora refere-se à Feira Central de Campo Grande – Mato Grosso do Sul.

Em quarenta minutos

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Poderia ter sido pior. Eu poderia ter sido assaltada. Poderia ter sido atropelada. Ou, quem sabe, abduzida?! Mas não. Nada disso. Perdi quarenta minutos. Perder, aqui, significa jogar fora, não aproveitar. E o pior, eu estava sem um livro na bolsa! Tomada pela sensação angustiante de que somos abrigados a fazer um número muito maior de coisas no mesmo intervalo em que, anteriormente, dizíamos apenas duas ou três e que, portanto, tempo é coisa que não se possa perder, lancei uma pergunta para meus amigos do Facebook: o que se pode fazer em 40 minutos? As respostas quase me fizeram esquecer o lado ruim do episódio. Descobri que muita gente faz bolo, pão de queijo, torta de maçã, arroz,

pudim, tudo em quarenta minutos. Outros levam quarenta minutos para comer uma pizza ou um bolo tomando café. Tem gente que malha, caminha, perde 250 calorias na esteira, faz massagem, aula de hidroginástica, musculação, tudo em 40 minutos. Há aqueles que assistem a um episódio da série favorita na TV ou um curta-metragem, também nos 40. Os mais dedicados ficam velando o sono dos filhos ou assistindo desenho com eles na TV. Os solitários fazem uma viagem rápida de avião, só ida. Algumas amigas gastam 40 minutos para tomar banho, lavar os cabelos, secá-los e modelá-los. Lindas! Um estarecido brasileiro diz que dá pra levar 5 gols da Alemanha numa partida de futebol! Só rindo! Um verdadeiro roteiro de alegria foi dado pela Luiza: “Sair da filmagem de um

curta-metragem, comprar flores para a mãe aniversariante, estacionar o carro na garagem do prédio, subir de elevador, colocar toalha, xícaras e pratos na mesa para o lanche surpresa, fazer café, colocar as flores, os biscoitos, o queijo e os pães na mesa, olhar para a porta abrindo, a mãe chegando, sorrir”. Quanta vida em quarenta minutos!

O certo é que perdi quarenta minutos na fila do banco. Alguns amigos também já passaram por isso e registraram lá. Há operações bancárias que só se fazem diretamente no caixa. Entrei às 15 horas, marcadas no papel da senha. Na minha frente, um cartaz alertava para o fato de que, por lei, a demora poderia ser de até 15 minutos em dias normais, 20 em dias de pagamento e 30 em véspera de feriados. Pura retórica! O dia

era normal. O horário, normal. Tudo tão normal que o banco achou que seria normal só um caixa para atender as 12 pessoas que ali estavam e eram normais. Sem contar o justo atendimento preferencial. Fila é algo democrático e não acho ruim que ela exista. Ruim é quando ela não anda porque o banco não disponibiliza recursos para isso. Ruim é quando além da fila, há uma movimentação por fora da fila. E o que fazemos como cidadãos que somos? Ficamos lá, esperando que a vida passe, sem chance de uma ginastiquinha, um episódio de série, um bolo pra comer, um livro pra ler, uma história pra contar. Só com uma revolllllta! Fiquei mais irritada ainda porque alguém me disse que usaria os meus quarenta minutos para ser feliz!

Poderia ter sido bem pior!